

«Como ele fazia isto?» ainda é hoje a pergunta inevitável quando se fala da arte mágica de Houdini.

Segredos do Rei da Evasão

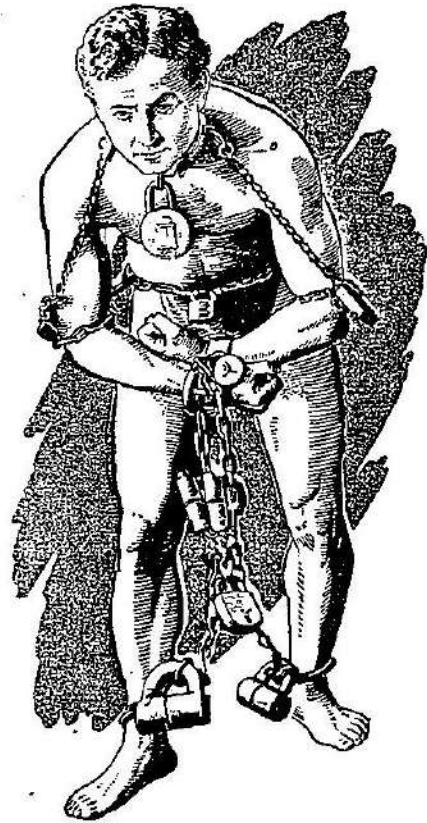
(Condensado de «Variety»)

Por Francis Sill Wickware

O «GRANDE» HOUDINI tinha a flexibilidade de uma enguia, o fôlego de um gato, e um estranho temperamento que o habilitava a zombar até das cadeias com que o agridoassem. Algemas, das empregadas pela polícia para manietar malfeitores, desvencilhava-se delas, ainda que unicamente para as por, segundo dizia, «na posição devida». Gastava menos tempo para escapar-se de uma masmorra do que o empregado para nela o aferrolharem. Durante 25 anos deixou de boca aberta as assistências que testemunharam as suas fugas, nas mais variadas circunstâncias.

Harry Houdini era sepultado em ataúdes cuidadosamente selados, ou metido em sacos de lona cuja boca era firmemente cosida, ou recluso em barrís e cântaros, senão até em caldeiras, tudo com as maiores precauções de aprisionamento seguro. Mas sempre encontrava meios de por-se em liberdade.

Quinto filho de um rabino imigrante, Ehrich Weiss fugiu de casa, em Appleton, Wisconsin, aos 12 anos de idade, e fez um aprendizado de vagabundagem, mantendo-se de biscates, aquí numa ferraria, alí a cortar gravatas, acolá como ajudante de serralheiro. As fechaduras fascinavam-no, e adestrou-se na arte de abrí-las com um pedaço de arame de cinco centímetros, tornando-se enfim senhor de todos os seus segredos.



Aos 15 anos começou a exhibir as suas habilidades em cervejarias e salas de espetáculos populares. O esbelto rapaz, de olhos azues e cabelo negro ondulado, anunciava-se como «Cardo» ou «Ehrich o Grande». Às manobras, já muito conhecidas, de prestidigitação, com coelhos, chapéus de seda, e cartas de jogar, foi gradualmente acrescentando algumas inovações, tais como a de escapular-se de caixas mágicas, ou desembaraçar-se de «nós de corda». Numa feira, no interior, uma autoridade local, mostrando-lhe um par de algemas, perguntou-lhe: «Diga-me cá, meu pequeno. Você seria capaz de safar-se de uma destas?» «Só experimentando,» respondeu Houdini. Depois de deixar-se algemar, meteu-se atrás de um biombo, e, passados cinco minutos, voltou com as algemas abertas, penduradas do braço. Essa aptidão particular, que então se evidenciou, tornou-se a espinha dorsal de sua carreira artística e a base da fama internacional que lhe consagrou o título de «Rei da Evasão».

Contava Weiss 17 anos quando leu as

memórias de Robert Houdin, impressionando-se de tal modo que decidiu passar a chamar-se Houdini, e adotar por modelo o grande prestidigitador francês.

Crescendo, mais e mais, o seu renome, viu-se Houdini envolvido numa espécie de polêmica permanente com um número interminável de carcereiros, serralheiros e técnicos em nós, do mundo inteiro.

O *Daily Mirror*, de Londres, desafiou-o a desembaraçar-se de determinadas algemas, que um ferreiro estivera durante cinco anos a tratar de cercar de todas as garantias possíveis e imagináveis. Houdini desalgemou-se diante de uma assistência de 4 mil pessoas que o aclamaram. Um desportista de Boston apostou 6 mil dólares em como amarraria Houdini de modo a lhe não deixar possibilidade de desamaranhar-se. Gastou 45 minutos a enfeixar o mágico, da cabeça aos pés, com centenas de metros de uma resistente linha de pesca. Houdini precisou de uma hora e um quarto para sair, cheio de escoriações, daquele casulo...

Trancaram-no, depois de o despir, numa cela de prisão, em Washinton. Em dois minutos, ele estava fora. Saiu então a abrir outras celas, divertindo-se em mudar os presos, até que chegou àquela em que haviam deixado a sua roupa. Precisamente 15 minutos depois do momento em que o prenderam, aparecia, já vestido, na sala do diretor da cadeia.

Houdini poderia ter-se tornado perigosíssimo criminoso. Abria num abrir e fechar de olhos um cofre comum. Para vencer o tipo mais complicado de fechadura de cofre, inventou um pequeno aparelho que se assemelhava a um voltímetro. Era só parar em frente do cofre, manobrar a pequena máquina, e abrir

a porta! Muito antes de morrer destruiu o dispositivo, receando que fosse ter às mãos de pessoas sem escrúpulos.

Não raro, atraindo grande concorrência de povo, Houdini, ao dar início a nova série de espetáculos, fazia uma exibição pública gratuita. Numa destas ia morrendo. Devia saltar no rio Detroit, e livrar-se das algemas debaixo da água. Mas, no dia designado, o rio estava coberto de uma camada de gelo. Houdini, não obstante, insistiu em fazer a prova, incumbindo um trabalhador de abrir no gelo um buraco. Os espectadores se aglomeravam nas margens, enquanto a polícia o algemava. A um dado momento, ouviu-se um grito, e ele, através da abertura, mergulhou na água gelada. À medida que passavam os minutos—dois, três, quatro, cinco—o silêncio, a princípio de expectativa, se foi tornando de apreensão. Finalmente, lançou-se ao rio uma corda, e um mergulhador preparou-se para sair em socorro. Foi quando, pelo buraco, por onde mergulhara, veio surgindo Houdini: estivera submerso oito minutos!

As algemas não foram problema, mas a força da corrente o havia arrastado rio abaixo. Ele, contudo, não ignorava que, entre o gelo e a água, havia um espaço de ar, de um centímetro, ou pouco mais. Flutuando de costas, e voltando o nariz para esta zona onde poderia respirar, tratou assim de obter o oxigênio bastante para manter-se vivo, até encontrar a aberta pela qual penetrara, e sair.

Outra ocasião, um cervejeiro inglês concitou-o, em desafio, a raspar-se de uma pipa de metal, cheia de cerveja. Já Houdini se escapara uma centena de vezes de recipientes análogos, contendo água ou leite, e inclusive com algemas, ou de cabeça para baixo, e ferros nos

tornozelos. Sendo, porem, abstêmio, as emanções da cerveja se lhe tornariam insuportaveis. Realmente, ao levantar a tampa da barrica, foi preciso que o seu empregado o ajudasse a sair, pois já vinha intoxicado.

O «segredo» das artes de Houdini permanece ainda hoje indecifrado; ele sempre receou pudesse alguém aprendê-las, para as por ao serviço do crime. Há contudo certos indícios que permitem, quando nada, se faça uma idéia dos seus métodos.

Tinha sempre consigo uma chave falsa, algumas vezes escondida na boca ou nas ventas, ou presa, outras ocasiões, à sola dos pés. Parece não haver dúvida que era capaz de engulir fios e barras de aço de tamanho relativamente consideravel, expelindo-os quando queria.

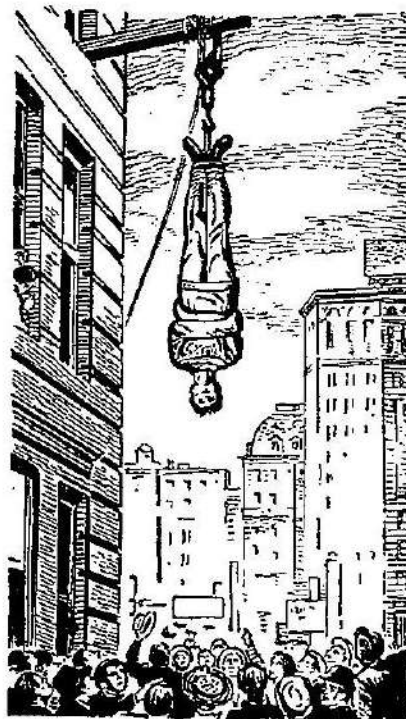
O elemento quicá mais importante das suas habilidades era o seu controle muscular, verdadeiramente fenomenal. Aos nove anos, pendurado pelos calcanhares, apanhava no chão agulhas com as pálpebras. Adquiriu posteriormente um maravilhoso domínio dos músculos do estômago e da garganta, e daí um dos seus números de maior efeito, que consistia em engulir um novelo de linha e um maço de agulhas, vomitando depois 100 agulhas, distribuidas espaçadamente em 20 metros de linha.

Dilatava os tornozelos ou os pulsos, ao ser algemado ou posto a ferros, relaxando em seguida os músculos, com o que recuperava facilmente a liberdade de movimentos. Os pés eram, para ele, como que um segundo

par de mãos. Às vezes, em jantares, para entreter os convivas, fazia uma dúzia de nós bem apertados num pedaço de cordel, que jogava no chão, e, tirando em seguida sapatos e meias, desatava todos os nós com as pontas dos pés.

Treinava-se como um atleta para as suas manobras debaixo da água. Praticou a submersão durante anos, numa banheira, medindo o tempo com um relógio apropriado, de maneira a ir aumentando gradualmente o fôlego, ou a capacidade de mergulho. Só depois de ter conseguido manter-se submerso durante quatro minutos, julgou-se apto a demonstrações públicas. Afim de preparar-se devidamente para imersões no inverno, a baixas temperaturas, submeteu-se a banhos, cada vez mais frios, até poder pular naturalmente num tanque de água gelada que faria talvez bater as queixadas a um urso polar. Para escapar-se de invólucros, ainda os mais seguros e cerrados, aprendeu a contentar-se com pouco oxigênio, respirando muito lentamente e evitando movimentos inuteis.

«Meu trabalho principal tem sido o de vencer o medo,» declarou um dia. «Quando me metem, algemado e preso com todos os rigores, numa caixa pesada, e assim me lançam ao mar, ou enterram vivo sob dois metros de terra, é indispensavel que mantenha absoluta serenidade de espírito. Tenho que trabalhar com grande finura, e velocidade de relâmpago. Se me deixo invadir pelo pânico, estou perdido. E se alguma coisa não vai bem, só me



poderei salvar pondo em ação, a tempo e inteiramente, as minhas faculdades, isento de fadiga mental. O público vê apenas o que há de impressionante no fato consumado. Não faz idéia, porém, do torturante exercício de auto-domínio necessário para evitar o medo.»

Houdini empregava técnicas surpreendentemente simples em muitas das suas realizações, como aquela, por exemplo, de passar através de uma parede de tijolo. Operários, voluntários da respectiva união, erigiram, à vista do público, uma sólida parede de tijolo, com 3 metros de altura, um pouco mais de comprimento, e trinta centímetros de espessura. Servia-lhe de alicerce uma viga de aço, montada sobre rodízios, e que estava acima do chão, não mais que uns cinco centímetros. Instalaram-se biombos, à esquerda e à direita da parede, enquanto, por baixo desta, se estendeu um tapete grosso, sem costuras. Uma comissão de 12 membros, escolhidos entre a assistência, examinou a parede e os diversos acessórios, de maneira a ficar certa de não haver passagem, por baixo, por cima, ou à roda, por onde pudesse Houdini atravessar. Então, de detrás de uma das telas, ele gritou «Lá vou eu!» e, 30 segundos após, exclamava do outro lado: «Aquí estou!»

É que, ao dizer «lá vou eu!» alguém, do seu pessoal, abriu um alçapão em baixo da parede, e o tapete descaiu o bastante para que o agil Houdini se esgueirasse, como enguia que era, por baixo da parede. Mas tudo foi posto em prática de modo a iludir até os oficiais do mesmo officio.

Já para o fim da sua carreira, Houdini entrou em combate contra supostos médiuns espíritas, que exploravam, após a guerra, o infortúnio de pais e viúvas que nela perderam filhos e maridos.

Demonstrou, em palestras públicas, que podia reproduzir todas aquelas manobras de espíritos que escreviam, mesas que se animavam, aparições fantásticas. A todo médium que lhe desse a prova do seu poder psíquico, oferecia ro dólares; muitos apareceram, mas nenhum ganhou o prêmio. No caráter de membro do comitê do *Scientific American* para a Investigação do Espiritismo, concorreu eficazmente para desmascarar as fraudes que haviam ludibriado milhares de pessoas, e até conduzido algumas aos hospitais de loucos. Expôs o caso Margery, de Boston, mostrando que a impostora obtinha os seus efeitos mais «espectrais» por meio de megafones suspensos de fios, e fazendo soar sinos do outro mundo com uma régua de 60 centímetros que trazia oculta consigo.

Contudo, enquanto rasgava esta cortina de mistificação, era Houdini curioso no concernente à possibilidade de comunicação entre os dois mundos, o dos vivos e o dos mortos. Confiou, por exemplo, à esposa, certas mensagens secretas, deixando entendido que as repetiria do outro mundo.

Morreu em outubro de 1926; durante 10 anos, sua viúva assistiu a centenas de sessões, sem nenhum resultado. Em 1936, quando passava o décimo aniversário da morte do marido, fez a última tentativa. Num ambiente impressionante, um médium pediu a Houdini que fizesse a derradeira e a maior das suas fugas, e esta seria da eternidade à terra. Nada, todavia, aconteceu. Terminada a sessão, disse a senhora Houdini: «Ele não veio. Nem creio que jamais venha.» Por todos aqueles anos, conservara ela uma luz acesa a iluminar o retrato do grande mágico. Naquela noite, apagou-a.